

Profissionais do sexo em Dourados: de trajetórias individuais, territórios e territorialidades para a construção de multiterritorialidades

Elaine Cristina Musculini

UFGD – elainemusculini@hotmail.com

Resumo

Ao analisarmos os aspectos da sociedade, numa visão apenas superficial, pensamos o espaço onde vivemos como um amotinado de pessoas que interagem entre si, entes que compartilham propósitos, costumes, experiências, tudo isso interposto num plano igual, comum. Diante disto, poderíamos pensar a sociedade em completa harmonia, como se todos fossem “iguais” ou vistos como iguais.

Mas partindo de um pressuposto mais dialético, vemos no cotidiano que isso não ocorre, é de nosso conhecimento que alguns pontos dessa nossa sociedade, convivem com a obscuridade, com a “invisibilidade”. Vários indivíduos fazem parte desse submundo, e não é diferente com os profissionais do sexo. Existe uma pré-definição de locais na cidade, onde eles “podem” ficar, trabalhar, habitar, como se só houvesse determinados espaços, territórios, não tendo a oportunidade de juntarem-se ao restante da sociedade.

A exclusão dos profissionais do sexo do convívio social não traz outra coisa para os mesmos a não ser a invisibilidade, eles não têm, então, a possibilidade de estudar, trabalhar em algo convencional, participar de eventos gerais disponibilizados para todos os outros, e verifica-se assim, que para essas pessoas, a perspectiva de futuro encontra-se escondida, enclausurada.

Partindo de uma visão geográfica, o objetivo é o de compreender as trajetórias individuais dos profissionais do sexo, os territórios e as territorialidades da prostituição em Dourados. Essas trajetórias individuais precisam ser analisadas sob diversos ângulos: o social, o histórico, o antropológico, o psicológico, dentre outros. A seguir, após compreender a produção e reprodução desses territórios, procuramos também abordar a questão das multiterritorialidades, que aparecem na atual conjuntura como uma quebra do paradigma de formação de territórios exclusivos, isto é, haveria hoje uma fragmentação, uma descontinuidade dos territórios, onde haveria interações múltiplas, de espaços, de agentes, de interesses.

Para chegar ao escopo do tema, é necessário, além do arcabouço teórico sempre buscado na pesquisa, estar em contato direto e indireto com os profissionais do sexo, na observância dos espaços percorridos, produzidos e reproduzidos pelos mesmos, isto é, além das observações dos pesquisadores e da visão dos autores sobre o assunto, faz-se necessário, também, vislumbrar as noções que os próprios profissionais do sexo detêm a respeito de suas biografias, seus caminhos percorridos no espaço.

À Geografia cabe o papel de contribuir para a compreensão sobre o espaço, território, sociedade, cidade, convívio social com outros cidadãos. Como é percebido, produzido e vivido os ambientes sociais por onde transitam os profissionais do sexo. O espaço mencionado aqui é mais que a terra, o chão em que se pisa, o espaço é toda a materialidade e imaterialidade que participam desse modo de produção, que, metodologicamente, vai da escala de corpo à escala global.

É interessante salientar também, o papel dos projetos sociais, às vezes iniciados pelos próprios profissionais do sexo. Tais projetos têm destinações várias: saúde, cursos profissionalizantes, auxílio jurídico, psicológico, dentre outros. A especificidade da prostituição se funda na produção territorial que por vezes tornam “invisíveis” as e os protagonistas e, por outras vezes, escancara a visibilidade. Visível porque o profissional do sexo se torna uma “atração”, as pessoas sentem-se instigadas a ver, a conhecer, mesmo que seja para diversão – invisibilizando o preconceito, a exclusão social, a falta de ações sociais e programas de saúde, dentre outros.

Uma Breve Análise do Espaço Estudado

Ao tentarmos compreender os espaços sociais apenas a partir de observações superficiais, nos deparamos com conceituações equivocadas, pois nem tudo o que vemos condiz com a realidade. Isso é consequência das vastas ideologias impostas aos nossos olhos. Somos, muitas vezes, instigados a observar somente aquilo que nos aproveita, ou que seja interessante por uma questão de “beleza”, de “sensatez”, de “moral”.

Muitas vezes pensamos ser a sociedade um aglomerado de pessoas que compartilham propósitos, costumes, experiências, como se fossem iguais, tratadas como iguais. Dessa maneira teríamos uma harmonia completa entre os seres, entre as instituições. Na verdade, não é isso o que ocorre.

Problematizando a questão, se voltarmos nossos olhos com um pouco mais de atenção a certos âmbitos sociais, veremos que impera ali a obscuridade, a “invisibilidade”. Muitas pessoas fazem parte desse submundo, são aqueles que a sociedade “esquece” para não ter que

dar conta de tanta gente, marginalizada. Podemos dar o exemplo dos profissionais do sexo, que com certeza não encontraremos nenhum deles “fazendo ponto” no bairro mais nobre da cidade. Existe uma pré-definição de locais na cidade, onde eles “podem” ficar, trabalhar, habitar, como se só houvesse determinados espaços, territórios, não tendo a oportunidade de juntarem-se ao restante da sociedade. A exclusão dos profissionais do sexo do convívio social não traz outra coisa para os mesmos a não ser a invisibilidade.

Analisando algumas questões ligadas a Dourados e à sua urbanização, tem-se que é uma cidade no centro-sul de Mato Grosso do Sul, que foi elevada à categoria de município em 1935 e hoje possui aproximadamente 180 mil habitantes. Desde esta data – e até mesmo antes – a cidade desenvolve formações e transformações territoriais e territorialidades.

É parte de um contexto amplo que as modificações urbanas ocorrem no interior de uma cidade, isto é, as mudanças também são globais: existem novas formas de aglomeração, novos padrões espaciais. Havia um tempo em que apenas as grandes metrópoles possuíam certas características, como grande fluxo de pessoas, transportes, comunicações. Agora é possível visualizar tal acontecimento em diversas cidades, tanto interioranas quanto metropolitanas.

Dourados não fugiu a essa regra e também apresenta essas modificações espaciais, essas novas características no âmbito social que inscrevem na cidade novos papéis, novos contextos sociais, políticos, culturais, econômicos.

As formações sócio-espaciais, em geral, estão intimamente ligadas às mudanças da própria sociedade, como parte dela, portanto, e incluindo a historicidade de seus agentes, que produzem e reproduzem relações sociais. Porém, há de se salientar que essa formação não ocorre de maneira linear e sem contradições: a espacialidade é muito mais complexa, onde se interagem diferentes elementos – materiais e imateriais –, tanto econômicas quanto sociais, culturais e políticas.

Essa dinâmica espacial é estudada pela Geografia através dos fenômenos que ocorrem nas sociedades e que participam da produção do espaço, tentando decifrar os “porquês” das práticas e disputas sociais.

Especificamente sobre a prostituição em Dourados, estudos indicam que nas imediações da Avenida Joaquim Teixeira Alves, próximo ao Jardim Clímax, nos anos 1980, existiam muitas casas destinadas à prostituição. O lugar era considerado perigoso, e quem freqüentava aquelas ruas poderia ser considerada pessoa de má índole. Ocorre que, assim como num processo amplo, o centro da cidade tendeu a se espalhar pelos arredores, abarcando um maior território de suas atividades (comércio, serviços, alguns conjuntos residenciais,

bancos, dentre outras). Foi o que ocorreu com esses pontos próximos à referida avenida. Muitas casas foram demolidas – inclusive, em uma entrevista, a uma moradora do local disse: “fizeram um limpa aqui”, referindo-se às casas de prostituição que não mais existem por lá. Durante um certo tempo, comprar terrenos ou residências ali era considerado um péssimo investimento.

Assim, as casas de prostituição tiveram que migrar, bem como as pessoas que nelas viviam. Hoje se encontram em locais bem mais afastados boates, casas noturnas destinadas à prostituição. Ainda existe no centro da cidade, ou em bairros não tão distantes, uma ou outra casa desse tipo, e pode-se verificar sempre uma curiosidade por parte de quem passa/transita pelo local. No final da Avenida Weimar Gonçalves Torres, próximo ao Parque Antenor Martins, existe uma boate chamada “Flash Dance”, umas das mais antigas da cidade, e ainda hoje é motivo de curiosidade.

Como esse arranjo sócio-espacial é algo dinâmico e que está constantemente em mutação, é bem provável que para onde migraram essas casas – a princípio tão distantes – haverá uma modificação espacial assim como houve no centro da cidade. Esta cidade que se espalha também irá “engolir” esses outros espaços. Assim, é difícil delimitar o território da prostituição por medidas, por metros, por fronteiras visíveis como cercas, muros. É necessário compreender o território além desse conceito de espaço delimitado.

Territórios e Territorialidades

Para se compreender os espaços da prostituição, necessário se faz analisar o território sob uma visão, não meramente ligada à questão política e às relações de poder inerentes a ela, mas visualizar outros aspectos tão importantes quanto, como por exemplo, a questão da identidade, a questão cultural, os movimentos sociais que fazem com que o território se transforme no local da vida, no âmbito das experiências pessoais. Outro ponto importante a ser salientado é que não é o espaço puro e simplesmente um local parado no tempo, ermo, pacato, ao contrário, ele está em constante movimento. Isso não quer dizer que o local migre, ande, mas que o espaço é o lugar das práticas, o local dos acontecimentos sociais, que são feitos e refeitos pelas pessoas que nele estão inseridas. São essas ações que se fazem e perfazem e que constituem o território.

Pensar o espaço da prostituição na cidade aponta como possibilidade analisar as trajetórias individuais dos profissionais do sexo, buscando focar a história de cada sujeito: família, escola, migração, trabalho, relações cotidianas, etc. Concentrar-se nos movimentos da

sociedade através das trajetórias individuais é parte do processo que desenvolvemos para compreender a prostituição.

Alguns fenômenos sociais, com relação à dinâmica espacial estudados na Geografia, referem-se a uma construção territorial urbana, tanto na questão do trabalho como da moradia, dentre outros. Vê-se, por muitas vezes, uma segregação, uma marginalização espacial em determinados pontos da cidade. Este é o caso dos territórios da prostituição, e o comportamento dos atores sociais da prostituição (homens e mulheres de programa e clientes) surge de maneira significativa para segregar o local.

Buscamos, então, atentar para a construção de territórios e de territorialidades da prostituição, abrangendo leituras do espaço, “delimitações”, representações e poder. A tendência é a população separar esses territórios, utilizando o critério da “moral” e “bons costumes”, muitas vezes, para justificar o fato, além do que o comportamento dos profissionais do sexo é considerado “transgressor” e “fora do normal”. Para se defender – e como parte, poderíamos já dizer, de resistência –, os profissionais do sexo migram para territórios onde possam desenvolver suas atividades, produzem território, demarcando seus limites, sua territorialidade. Isso se constitui como um elemento de produção/reprodução territorial, se sobrevivência e de trabalho, ao mesmo tempo tenso, conflituoso, contraditório.

Para Claude Raffestin, por exemplo, o domínio de determinados territórios se dá com a delimitação de limites, de fronteiras, isso decorrente de influências, “inclusões” e “exclusões”. Este autor enfoca o território como um produto dos atores sociais. As relações de poder são as responsáveis por inserir o território num processo dinâmico, em constante movimentação, traduzida por malhas, redes e centralidades.

Antes mesmo de entender os territórios e territorialidades da prostituição, é importante compreender o conceito de território na Geografia. Há diversos autores que discorrem sobre o tema, e cada qual trata do assunto de acordo com suas concepções teórico-metodológicas. Há as vertentes políticas, econômicas, culturais, naturais, mas dentre todos os conceitos analisados, encontra-se pontos de comum acordo.

Como já mencionado, Raffestin dá ao conceito de território um caráter político, enfatizando o espaço onde se constrói uma nação, as fronteiras e a ação do homem na transformação do meio. Outro significado político é o de Friedrich Ratzel, onde o território é ponto de partida para o exercício do poder, não destacando muito a diferença entre território e o solo.

Já Rogério Haesbaert discute o território nas suas mais variadas formas, tanto político, quanto econômico e social. Politicamente, descreve o poder que delimita e controla um

espaço; no que se refere ao aspecto econômico, é o espaço onde é empregado o fator capital-trabalho; e o território social, aquele que é produzido tem por base a inclusão e exclusão de indivíduos ou grupos, por exemplo.

Na perspectiva de Marcelo Lopes de Souza, o território é conceituado do ponto de vista político e cultural, salientando as relações de poder não apenas do Estado, mas também de grupos, indivíduos. Para este autor, no interior da sociedade existem vários territórios, como, por exemplo, o território da prostituição, do narcotráfico, das gangues, etc.

Além da questão territorial, há de se levar em consideração outros fatores quando se analisar a “invisibilidade” dos profissionais do sexo, o fator exclusão/inclusão social: o corpo, a identidade também são formas de abordagem desse fenômeno. Os autores Stephen R. Stoer, Antônio M. Magalhães e David Rodrigues, abordam a exclusão social através do par simbiótico exclusão/inclusão social, e a sua problematização nos diferentes contextos por meio da análise de cinco lugares onde produzem impacto, sendo eles: o corpo, o trabalho, a cidadania, a identidade e o território. Eles apontam para a importância de se encarar o território como uma construção social, portanto não é um conceito neutro, universal. Para os autores:

a definição de território é determinada pelo paradigma do qual ele faz parte e a partir do qual é interpretado. Nas sociedades e culturas pré-modernas, o território era a comunidade local e o sistema de crenças que a constituem. No paradigma de sociedade e de culturas modernas, o território é o Estado-nação, é o sistema de trabalho e de emprego assalariado que se encontra na sua base. O território emergente das sociedades pós-modernas é virtual, heterogêneo, global e desenvolvido por meio de sistemas em rede. A exclusão social é, no primeiro caso, estar fora dos valores e símbolos partilhados; no segundo caso, é ser incluído num processo de reabilitação, porque o Estado sempre “recupera” os seus súditos quer como cidadãos quer como trabalhadores assalariados, e, no terceiro caso, ser excluído é, para dizer de um modo simples, não fazer parte das redes (STOER, MAGALHÃES, RODRIGUES, 2004, p. 131).

Existe, ainda, de acordo com Paulo César da Costa Gomes, a idéia de que:

o território traduz, ao mesmo tempo, uma classificação que exclui e inclui; um exercício de gestão que é objeto de mecanismos de controle e de subversão; e uma qualificação do espaço que cria valores diferenciais, redefinindo uma morfologia de cunho socioespacial. Estes pares – exclusão/inclusão, submissão/subversão e valorização/desvalorização – criam tensões e resultam em lutas territoriais que almejam modificar seus limites, sua dinâmica, suas regras ou seus valores (GOMES, 2004 p. 33).

A especificidade da prostituição se funda na produção territorial que por vezes tornam “invisíveis” as e os protagonistas e, por outras vezes, escancara a visibilidade. Visível porque o profissional do sexo se torna uma “atração”, as pessoas sentem-se instigadas a ver, a conhecer, mesmo que seja para diversão – invisibilizando o preconceito, a exclusão social, a falta de ações sociais e programas de saúde, dentre outros.

Multiterritorialidades

Na medida em que transpassa a relação de poder, tanto econômica, quanto social, política, para os espaços vividos, aqueles que são experimentados, sentidos, realmente vivenciados, os territórios passam a serem múltiplos, tornando múltiplos, também, os espaços vividos.

Dentro desse espaço transformado e trabalhado, existem as ações individuais, de pessoas que compartilham interesses, necessidades, isto é, a sociedade produz o espaço de acordo com seus interesses, porém em consonância com outros fazeres, múltiplas trajetórias. A este respeito, Gomes diz:

essa relação da sociedade com o espaço pressupõe a existência de indivíduos, ou seja, unidades autônomas, com variadas gamas e níveis de expectativas, interesses, propostas e práticas sociais. As diferenças entre esses indivíduos são, em princípio, infinitas, e os únicos fundamentos comuns são a consciência da diversidade e a crença de que a associação dessas diferenças pode ser a estratégia mais adequada para se ter êxito na realização de seus interesses, tanto aqueles que são gerais quanto os particulares a cada um.

Tem-se, então, algo importante a ser considerado: a diversidade de fazeres, de viveres no local. Esta proximidade dos lugares decorrentes de uma vida cotidiana dos laços sociais. Para Ortiz:

quando nos referimos ao “local”, imaginamos um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para hábitos cotidianos. O “local” se confunde assim com o que nos circunda, está “realmente presente”, nos acolhe com sua familiaridade. (ORTIZ, 1997, pg. 58)

Cada personagem nesse espaço constitui um elemento específico, e a sua essência exprime uma identidade: no caso em questão, as identidades múltiplas que convivem no local:

trabalhadores do setor de serviços, comércio, bancos, moradores, estudantes, profissionais do sexo, transeuntes do cotidiano, e todos eles expressam suas relações com o lugar.

Apesar dessas pessoas estarem em constante contato, e próximas umas das outras, num plano físico, as suas realidades não se articulam, cada qual tem seus propósitos, e a partir disso podemos afirmar a existência de múltiplos territórios. De acordo com Ortiz, nesses espaços manifestam-se as *“implicações das histórias particulares a cada localidade, realidades que não se articulam necessariamente com outras histórias, mesmo quando imersas no mesmo território”*, e ainda, notar o *“espaço como um conjunto de planos atravessados por processos sociais diferenciados”*.

E quando esses territórios passam a ser espaços vividos? Quando essas pessoas inserem no local os seus olhares, seus fazeres e viveres de modo a tomá-lo como seu?

Em diversas entrevistas em trabalho de campo, foi possível constatar que muitas pessoas que utilizam-se do local – para as mais variadas atividades – tatuam ali suas vontades, ansiedades, medos, angústias, alegrias, desejos, enfim, sentimentos. Moradores que residem na avenida há muitos anos dizem não haver outro lugar na cidade que gostariam de morar. De acordo com Bonnemaïson *“A correspondência entre o homem e os lugares, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra”*. (BONNEMAISON, 2002, p. 91).

Ainda sobre as entrevistas, foi possível constatar também que alguns dos profissionais do sexo que perfazem suas trajetórias individuais ali na avenida, gostam de estar ali, sentem-se bem e familiarizados com o lugar. Não se vêem em outro lugar que não ali. Uma travesti que fora entrevistada, logo no início da pesquisa, disse-nos que fazia *“ponto”* ali há três anos, e que só sairia dali se fosse para morar fora, caso contrário, a rua era o seu lugar, e não qualquer rua, mas sim aquela avenida, aquela esquina.

Outra pessoa entrevistada foi um bancário, que ali trabalha, há nove anos. A princípio indagamos sobre os territórios da prostituição ali da avenida, mas o mesmo disse-nos que para ele *não importa se ali é território de prostituição, uma porque não vê o movimento dos profissionais do sexo, que só trabalham a noite na avenida, e outra porque cada um faz o que quer com seu corpo. Gosta dali porque é um local bonito, próximo à sua residência e no centro da cidade. E desde que ele frequenta o ambiente, a avenida só tem melhorado*.

Percebemos as multiterritorialidades a partir dessas entrevistas. As pessoas percebem diferentemente os locais, inserindo cada qual seus sentimentos, de acordo com critérios vários, um sabor, um cheiro, uma beleza, um apego, dentre outros. Ainda para Bonnemaïson:

a territorialidade se situa na junção dessas duas atitudes; ela engloba simultaneamente aquilo que é fixação e aquilo que é mobilidade – dito de outra maneira, os itinerários e os lugares. (...) a territorialidade é compreendida muito mais pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território do que pela referência aos conceitos habituais de apropriação biológica e de fronteira. (BONNEMAISON, 2002, p. 99-100).

Ainda para o autor podemos estabelecer dois parâmetros conceituais sobre o espaço, um social e outro cultural, sendo que o primeiro é produzido, concebido em termos de organização e produção, e o segundo é vivenciado, concebido em termos de significação simbólica. Para ele:

a territorialidade de um grupo ou de um indivíduo não pode se reduzir ao estudo de seu sistema territorial. A territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba, ao mesmo tempo, a relação com o território e, a partir dela, a relação com o espaço “estrangeiro”. Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que o impele para fora do território, lá onde começa “o espaço”. (BONNEMAISON, 2002, p. 107)

O sentimento pode ser tanto positivo, como foi o caso das entrevistas já mencionadas, como pode ser negativo, uma vez que é algo do “sentir” da pessoa, e não regras a serem seguidas. Em conversa com uma senhora que reside próximo ao local, obtivemos a informação de que nem todos que ali moram estão contentes ou são coniventes com as diversas atividades que ocorrem ali.

Esta mesma entrevistada nos relatou que o barulho dos carros, das motos, são perturbadores, e que a noite é muito perigosa, existem maus elementos que transitam por lá e que não é bom ficar até tarde na rua.

Para esta senhora, percebemos que o espaço vivenciado é o espaço do medo, da insegurança. Isso não quer dizer que o local seja ruim para todos, mas especificamente para ela é, uma vez que ela não se insere no local como alguém que esteja feliz por ser dali.

Fizemos algumas entrevistas numa tarde de domingo, quando algumas pessoas chegavam para participarem da missa, às 19h na Catedral da cidade, que fica exatamente em frente à praça que situa-se na avenida. Duas pessoas enfatizaram que gostam do local porque durante o dia é bastante calmo, e que como não o frequentam a noite, não sabe do que se passa realmente ali. Um senhor, porém, disse-nos que se a igreja Catedral fosse em outro local da cidade, seria melhor.

Nesse sentido temos:

espaço e território têm conotações ao mesmo tempo inversas e complementares. Os territórios têm necessidade de uma certa profundidade espacial para se constituírem em pólos e criarem em torno de si uma área de segurança. (BONNEMAISON, 2002, p. 127).

E ainda:

Existe no território um significado biológico, econômico, social e político, mas, no sentido em que ele é aqui entendido e em sua expressão mais “humana”, ele é essencialmente o lugar de mediação entre os homens e sua cultura. O homem procura ligar feixes de significados em determinados sítios e lugares privilegiados. (...) espaço e território não podem ser dissociados: o espaço é errância, o território é enraizamento. O território tem necessidade de espaço para adquirir o peso e a extensão, sem os quais ele não pode existir; o espaço tem necessidade de território para se tornar humano. (BONNEMAISON, 2002, 128)

Considerações Finais

A finalidade de se estudar os profissionais do sexo dentro da Geografia, é demonstrar mapeamentos, trajetórias, formação de espaços, regiões, lugar, territorialidades, territórios, a dinamização da prostituição no espaço urbano.

Para se compreender tais fatores, necessário se faz, um estudo sobre territórios, não apenas como entidade política e de poder que constitui sua essência, mas também como produto das ações de atores sociais. As relações de poder que produzem o território num processo dinâmico, em constante movimentação.

Podemos constatar que os territórios e territorialidades da prostituição em Dourados-MS, não foge à regra de outros lugares. Nesse contexto, temos que esses espaços formam-se a partir das trajetórias dos profissionais do sexo, e todo o peso que elas têm: família, escola, migração, trabalho, perspectivas de cada um. E há também agentes sociais de fora, que contribuem para a dinâmica espacial desses territórios e territorialidades, sendo a polícia, o Estado – caracterizado aqui pelas instituições como prefeituras, secretarias de segurança e saúde, assistência social, e muitas outras que no geral “cuidam” da sociedade.

Nota-se que os territórios da prostituição em Dourados encontram-se em locais também não diferentes de outros lugares, isto é, locais móveis, onde durante o dia têm uma característica, e a noite outra. No caso da avenida Joaquim Teixeira Alves em Dourados, lugar este bastante conhecido pela circulação de prostitutas e travestis, durante o dia é um centro comercial, bancário, financeiro. À noite, este mesmo local é ermo, escuro e bastante procurado pelos clientes dos profissionais do sexo.

Além da formação dos territórios da prostituição se dar no centro da cidade, há também as casas noturnas, que em sua maioria localizam-se em locais mais afastados do centro. Essas casas perfazem seu território tão distante justamente para se obter privacidade, para aqueles clientes que necessitam de anonimato, ou reserva de imagem. Podemos considerar que esse afastamento do centro da cidade também é resultado da segregação, constante vilã dos profissionais do sexo, que de certa maneira, não são bem quistos pela sociedade em geral.

Notamos também que dentro da própria territorialidade da prostituição há a existência de disparidades, disputas, desavenças. Dinâmica essa vivida pelos profissionais do sexo, que, para se manterem e reproduzirem como profissionais, trabalhadores e trabalhadoras precisam manter e assegurar seus territórios, seus locais, seus espaços.

A prostituição, sendo considerada como um desvio social, “invisibiliza” os seus profissionais, mas ao mesmo tempo escancara-os, tornando-os visíveis, pela curiosidade, pelo interesse sexual. São, ao mesmo tempo, segregados e procurados pela sociedade, e aí reside o fenômeno, e para entendê-lo, tornam-se necessárias percepções e representações sociais do cotidiano desses profissionais.

Interessante salientar os aspectos das múltiplas territorialidades existentes dentro de um mesmo território. Como é o caso da prostituição em Dourados, onde ambientes considerados comuns – setor de serviços, financeiro, bancário, comercial – misturam-se com ambientes da prostituição, numa alternância dia/noite, ou então envolvendo-se em tempos comuns.

Pensar estes espaços na cidade aponta como possibilidade analisar as trajetórias individuais de seus agentes, buscando focar a história de cada sujeito: família, escola, migração, trabalho, relações cotidianas, etc. Concentrar-se nos movimentos da sociedade através das trajetórias individuais é parte do processo que desenvolvemos para compreender a produção do espaço.

Compreender o que é o espaço para essas pessoas, qual é o entendimento que possuem acerca do território, sociedade, cidade, convívio social com outros cidadãos. Como é percebido, produzido e vivido os ambientes sociais por onde transitam. O espaço mencionado aqui é mais que a terra, o chão em que se pisa, o espaço é toda a materialidade e imaterialidade que participam desse modo de produção, que, metodologicamente, vai da escala de corpo à escala global.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.
- ANGELO, Miguel. Território e Prostituição na Metrópole Carioca. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- GOMES, Paulo César da Costa. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LOURO, Guarcira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). Petrópolis-RJ: 3ª Ed. Vozes, 2007.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ed. Ática, 1993..
- RIBEIRO, Miguel A. Território e Prostituição na Metrópole Carioca. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.
- SAQUET, Marcos Aurélio. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA, Hélio. R. S. Travestis: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- STOER, Stephen R. Os lugares da exclusão social: um dispositivo de diferenciação pedagógica. São Paulo: Cortez, 2004.